

APRESENTAÇÃO

História da Educação: fontes e métodos

O ensino e a pesquisa em história da educação têm ocupado uma parcela significativa de estudantes, professores e pesquisadores interessados em diversos temas e debates do campo educacional e nas interseções deste campo com outras áreas do conhecimento. Desde a década de 1980, o aumento da produção de conhecimento nessa área tem circulado a partir de intensa produção historiográfica em monografias, dissertações e teses, na publicação de artigos, revistas, coleções e livros temáticos. Congressos, eventos, instituições e programas de intercâmbio que acolhem os interessados em história da educação experimentam gradativa vitalidade.

Repercutindo nos programas de ensino adotados nos cursos de formação docente, a contribuição na área de ensino da história da educação também tem servido, ao lado de outras disciplinas, para fornecer aos alunos a dimensão formadora da pesquisa e a construção da capacidade de contextualização e reflexão diante dos projetos educativos e práticas pedagógicas em voga.

Entre os fatores que revelam a consolidação desse campo de pesquisa encontra-se a relevante discussão acerca das fontes e métodos que consubstanciam o ofício do historiador e pautam seus procedimentos operatórios, posto que “a história seleciona, simplifica e organiza.”¹

Em função da centralidade das fontes de pesquisa para o ofício, acreditamos que todo historiador da educação deva ter domínio da metodologia do trabalho científico, da “capacidade de conhecer e utilizar técnicas, assim como trabalhar com instrumentos de coleta e procedimentos para a análise das fontes coletadas, referentes a um determinado objeto de pesquisa.”²

Nesse sentido, este dossiê reúne resultados e reflexões acerca dos modos, concepções, seleções e usos dos métodos e fontes que pautaram a produção das pesquisas acadêmicas ora concluídas. A variedade das temáticas reunidas, dos tipos documentais trabalhados e das diferentes concepções teóricas que delinearão os métodos e análises empregados, espelha a heterogeneidade de perspectivas e abordagem que compõem o campo. Todavia, revelam o consenso sobre

a pertinência de apresentar, expor e sistematizar as escolhas do historiador e os procedimentos adotados.

A adoção de novos tipos documentais guarda relações importantes com os movimentos de retomada de temáticas já conhecidas da história da educação, mas, por vezes, a partir de novas abordagens e interrogações. Diz respeito, também, ao adensamento do trabalho de recolhimento, produção e catalogação de fontes e acervos, ou, ainda, da produção de novos recortes temáticos e epistemológicos a partir da renovação das discussões teóricas no campo. Os estudos aqui reunidos revelam, também, a construção de novos temas e periodizações em história da educação em função do diálogo com as fontes e métodos adotados.

Iniciamos o dossiê a partir de um acervo até então pouco explorado para a história da educação primária do estado do Rio de Janeiro. As políticas e as intenções inscritas no processo de produção dos mapas de frequência escolar de alunos e de professores são recuperadas no artigo de Amália Dias, de modo a tornar as fontes no próprio objeto de investigação. Os múltiplos contextos de produção e a especificidade deste acervo, face aos objetivos da pesquisa, incidem sobre a metodologia adotada.

Ana Luiza Jesus da Costa nos leva a conhecer, a partir da imprensa operária, modos de educar-se da classe trabalhadora da Corte e Província do Rio de Janeiro, apresentando suas formas de associação e socialização, mediadas pela cultura escrita. O uso da imprensa, por esta autora, também é revelador dos modos como as fontes engendram a construção do próprio objeto de pesquisa.

Evelyn Orlando examina os “catecismos católicos” como impressos que portam pretensões pedagógicas e educativas que evidenciam o universo de circulação e apropriação de correntes pedagógicas, nacionais e internacionais, que repercutiram na reformulação do ensino religioso no Brasil. Trata-se, pelo exame realizado, do uso de um tipo documental que vem a contribuir para as revisões acerca das fronteiras, julgadas muito nítidas, entre escola nova e catolicismo no Brasil.

Martín Omar Aveiro apresenta, a partir de um estudo de caso entre a ação de intelectuais no campo educacional universitário da Argentina e do Brasil, a potencialidade dos estudos de história comparada e as implicações epistemológicas e metodológicas deste procedimento de pesquisa.

Alexandra Lima realiza um inventário sobre as repercussões teóricas do tema das viagens e dos viajantes na historiografia da educação, sinalizando a diversidade de fontes e procedimentos de análise. O enfoque na investigação dos deslocamentos, experiências, memórias e reflexões dos viajantes tem sido

um recurso importante para a compreensão dos intercâmbios e alteridades entre culturas e práticas educativas.

Rubia-Mar Nunes Pinto estabelece diálogos com a historiografia internacional com o intuito de refletir sobre as perspectivas e impasses entre os estudos de história regional e história da educação, descortinando, a partir da história da educação primária no estado de Goiás, as estratégias produzidas para a composição de um *corpus* documental, em face de precariedade de conservação e de políticas de patrimônio e preservação.

As avaliações acerca da implementação do ensino compulsório em Minas Gerais são recuperadas por Cíntia Borges de Almeida, a partir de relatórios do presidente de província e de debates em circulação em jornais do período. A análise empreendida a partir dessas fontes permite acompanhar os impasses, as expectativas e os alcances em torno da Lei de 1835, que estabeleceu a obrigatoriedade da instrução elementar. Dessa perspectiva, descortinam-se os movimentos que pautam a compreensão dos enredos que fazem vigorar, ou não, as políticas educacionais, para além dos atos normativos expedidos.

Juliana David também divulga um tipo documental até então inédito em estudos de educação no estado do Rio de Janeiro, que, tal quais os mapas de frequência, portavam a intenção de classificar a população escolar. O exame das fichas de observação comportamental, produzidas no âmbito do Serviço de Ortofrenia e Higiene mental (1934-1939), revela parte das práticas produzidas naquele período para esquadriñar o comportamento dos alunos e seu meio social.

O artigo de Marcelo Silva, que encerra a coletânea, lança luz sobre a atuação de sujeitos que, por outros enfoques, ficariam na sombra nos estudos de história da educação. Utilizando como fontes abaixo-assinados e requerimentos, Silva apresenta alguns dos recursos e dos modos de manifestar-se de moradores e professores de Juiz de Fora no início da República, trazendo à tona, dessa forma, formas de organização e de reivindicação desses indivíduos.

O painel produzido com este dossiê, reunindo resultados de pesquisa recentes, possibilita conhecer e compreender o modo de produção de diferentes trabalhos em história da educação, a partir de diálogos diversificados, pela utilização de outras possibilidades temáticas e fontes que germinam no campo. Os textos aqui reunidos procuram abarcar diferentes temas e objetos da história da educação, remetendo a momentos distintos desta história e dialogando com a historiografia produzida no campo, referente a cada temática.

Considerando a seleção das fontes como parte dos procedimentos do historiador e atentos à função social dos estudos em história da educação, os trabalhos acenam à necessidade do envolvimento da comunidade escolar na reflexão sobre as identidades sociais e memórias locais, a constituição e organização de acervos. É preciso reconhecer a importância que os processos de escolarização, ou a negação deles, exerceram e exercem na conformação da sociedade. Daí a importância da luta pela promoção de políticas e ações em prol da preservação do patrimônio cultural e do acesso à escolarização.

É com alegria que participamos dessa edição comemorativa de aniversário de 35 anos da Revista Roteiro. Registramos nossos votos de agradecimento e de prosperidade para este veículo comprometido com a divulgação do conhecimento produzido em educação. Parabéns!

Amália Dias, UERJ
Cíntia Almeida, FABEL
Rubia-Mar Nunes Pinto, UFG

¹ VEYNE, Paul. *Como se escreve a história e Foucault revoluciona a história*. 4. ed. Tradução Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kneipp. Brasília, DF: Ed.UNB, 1998. p. 18.

² RODRÍGUEZ, M. V. O trabalho com fontes documentais. In: COSTA, C. J.; MELO, J. P.; FABIANO, L. H. *Fontes e Métodos em História da Educação*. Ed. UFGD, 2010. p. 35.